

Show da cantora argentina no 2º Musicanto de Santa Rosa, em 1984, ficou registrado em fita

Reportagem Cultural



ARQUIVO/FUNDAÇÃO MERCEDES SOSA/REPRODUÇÃO/IC

Mercedes Sosa inesquecível

João Vicente Ribas

Shows em estádios de futebol ainda não eram comuns naquele início dos anos 1980. Mas haveria lugar mais propício para reunir uma multidão em torno de uma estrela internacional? Foi no retorno do exílio que Mercedes Sosa passou a cantar para grandes plateias, fosse em sua terra natal Argentina ou aqui, em Santa Rosa.

No campo do Dinamo Futebol Clube, no dia 12 de outubro de 1984, mais de 15 mil pessoas receberam La Negra para celebrar as raízes culturais e a liberdade política que se avizinhava. Aquele espetáculo, que compunha a programação da 2ª edição do festival Musicanto Sul-Americano de Nativismo, ainda permeia a memória coletiva e ficou gravado em uma fita analógica, agora digitalizada.

A cantora argentina já havia se apresentado em Porto Alegre e mantinha um intercâmbio com artistas brasileiros, a exemplo de Milton Nascimento. Mas a aproximação com o Sul do Brasil se

adensou naquele ano, com o disco *¿Será posible el sur?*, contendo composições dos gaúchos Kleiton Ramil (*Vira Viró*) e Vitor Ramil (*Siembra*). Também participou do LP *Kleiton & Kledir En Español*, e também do disco *Gaudério*, de Raul Ellwanger.

Naquele contexto, de regime militar encerrado na Argentina e campanha por eleições diretas no Brasil, Mercedes Sosa alimentava a expectativa em participar de um festival fora de seu país. “Quero ver como são as festas dos gaúchos, ver como se dá esta mescla de música regional com acordeon, falando este português. Realmente, o sonho da unidade latino-americana pode ser que esteja ocorrendo neste lugar”, afirmou em entrevista à RBS TV.

Nas palavras do prefeito de Santa Rosa na época, Erni Friedrichs, registradas no libreto da 2ª edição, o Musicanto era mais que um concurso, pois pretendia ser um catalisador de novas reações culturais. “Colocando em contato os mais expressivos segmentos

do nativismo rio-grandense, brasileiro e sul-americano, poderão resultar sínteses que, além de permitir avanços globais na arte poética e musical, igualmente permitam a definição de novas trilhas para povos tão iguais como os americanos do Sul nas suas frustrações e nos seus anseios”, escreveu.

Em entrevista coletiva no dia do show, Mercedes Sosa comentou as dificuldades políticas da América Latina, e protestou por as mulheres serem submetidas aos homens na maior parte dos lares. “A mulher tem muita importância. Eu não quero estar contra os homens, porque sofrem bastante neste continente. Mas me incomodam homens machistas”, disse.

A presença de Mercedes em Santa Rosa acabou coincidindo com a primeira vitória de uma canção com o eu lírico feminino em um festival nativista, *Canto da mulher prometida*, interpretada por Elaine Geissler. Das 12 canções finalistas, quatro foram

interpretadas por mulheres. Além da vencedora, subiram ao palco Claudia Jungbluth, Maria Rita Stumpf e Glória Oliveira.

A fita de áudio em rolo que guarda os detalhes daquela noite segue inédita. O responsável pela gravação foi o historiador Tau Golin, que estava na ocasião cobrindo o show para o programa *Continente Latino-Americano*, da rádio Imembuí, de Santa Maria.

No fonograma, percebe-se que havia um clima de exaltação, com gritos de guerra e pedidos para que Mercedes Sosa cantasse canções consagradas. A chuva fina não fez o público arredar o pé. Após a terceira música, a argentina pediu silêncio: “escutem uma mulher que não está somente cantando, mas dizendo algo”.

Nas próximas páginas, remanescentes daquele show e artistas influenciados por Mercedes Sosa recontam essa história e dimensionam o seu impacto na cultura gaúcha.

Leia mais na página central

Setlist do show de Mercedes Sosa em Santa Rosa, 1984

- 1 **Todavía cantamos** - Víctor Heredia
- 2 **Duerme negro** - Atahualpa Yupanqui
- 3 **Será posible el sur** - Jorge Bocanera/ Carlos Peralta
- 4 **Para Cândido Portinari** - Nicolás Guillén/ Horacio Salinas
- 5 **Unicornio** - Silvio Rodríguez
- 6 **Plegaria al labrador** - Víctor Jara
- 7 **Ventanita de Laurel** - Víctor Heredia
- 8 **Como Pájaros En El Aire** - Peteco Carabajal
- 9 **El cosechero** - Ramón Ayala
- 10 **Vira viró** - Kleiton Ramil
- 11 **Siembra** - José Fogaça/ Vitor Ramil
- 12 **Corazón de estudiante** - Milton Nascimento/ Wagner Tiso
- 13 **Solo le pido adiós** - León Gieco
- 14 **La carta** - Violeta Parra
- 15 **La maza** - Silvio Rodríguez
- 16 **Maria, maria** - Milton Nascimento/ Fernando Brant
- 17 **Canción con todos** - Julio Isella/ Armando Tejada Gómez



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Uma dramaturgia irônica e de denúncia

A obra ficcional do escritor português José Luís Peixoto é hoje das mais difundidas em todo o mundo, inclusive no Brasil, onde tem edições específicas, devido às discordâncias em torno do acordo ortográfico, que Portugal jamais aceitou. Boa parte desta obra é publicada aqui pela Cia. das Letras, mas a editora porto-alegrense Dublinese tem dado uma significativa contribuição para a difusão de sua obra no País.

A literatura de Peixoto é variada, quanto aos gêneros, que os têm desenvolvido todos. O principal é, claro, o romance. Mas ele escreve contos, crônicas, poesia, obras de viagem - inclusive sobre a Coreia do Norte, verdadeira façanha - e, enfim, de dramaturgia.

Visitando a cidade de Galveias, onde ele nasceu (1974), aproveitei, há algumas semanas, para conhecer o que os portugueses chamam de Centro de Interpretação José Luís Peixoto, inaugurado em 2024, com a presença do próprio escritor homenageado. O prédio é uma construção do final do século XVII e começo do século XVIII, residência dos Condes de Galveias, até 1934, quando é adquirido pela família Marques Ratão. Com o falecimento deste, houve doação do prédio à Freguesia de Galveias, que hoje o administra.

O roteiro de visitas está organizado basicamente a partir do romance *Galveias*, que, como boa parte da obra de Peixoto, é simultaneamente, ficção e autobiografia. Assim, nas várias salas, vamos conhecendo a infância e juventude do escritor, seus primeiros manuscritos, suas premiações, e por aí fora. A visita é complementada por uma bem fornida lojinha com as obras de Peixoto, dentre as quais descobri dois volumes dedicados ao teatro, um deles, *Estrangeiras* (2016), que eu já adquirira em alguma visita anterior a Portugal, a que somei *Vida inversa* (2022), seu texto mais novo, que eu desconhecia.

A dramaturgia de José Luís Peixoto não é extensa, mas é um caso a ser estu-

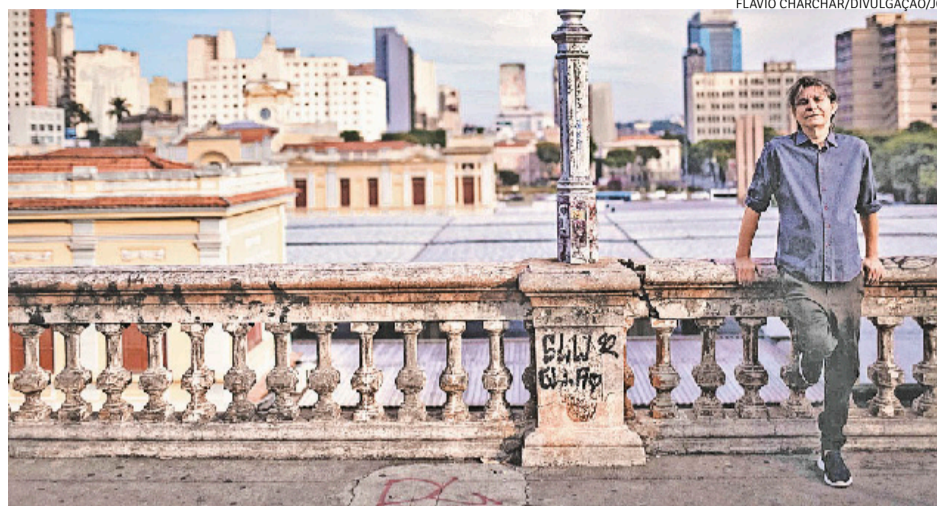
do. Ela é um campo de exploração estética e uma alternativa para refletir sobre os contextos contemporâneos. *Estrangeiras*, de 2016 (editora Rosa de Porcelana), coloca em cena três mulheres: uma brasileira (do Piauí), uma caboverdiana e uma portuguesa. As três estão tentando emigrar para os EUA, mas foram barradas na entrada do país e se encontram, isoladas, em uma sala, sem quaisquer explicações. Elas não se conhecem, tentam se aproximar, mas cada uma tem seus próprios preconceitos e estereótipos a respeito da outra. O grande debate aqui - e que é, infelizmente, de extrema atualidade - é a falsidade do conceito de 'lusofonia' pelo qual inúmeros intelectuais brasileiros, africanos e portugueses lutam, sem grandes resultados. Se considerarmos as legislações mais

O grande debate aqui é a falsidade do conceito de 'lusofonia', pelo qual inúmeros intelectuais lutam, sem grandes resultados

recentes da República Portuguesa, deste ano de 2026, a peça ganha uma significação enorme, a justificar que a peça fosse montada nos diferentes países da chamada Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), cuja discriminação, no aeroporto de Lisboa, por exemplo, já

começa na maneira pela qual os passaportes destes cidadãos valem menos do que o da Comunidade Europeia.

A peça de Peixoto, contudo, mostra que existem incompreensões e arquétipos também entre os integrantes desta comunidade: com ironia, começa com a absoluta ignorância das personagens entre si sobre as geografias de origem de cada uma. Continua com o modo, por exemplo, com que cada uma reage à maneira como foram recebidas no aeroporto, pela aduana norte-americana. A situação, escolhida por Peixoto, relembra em parte aquela de *Entre quatro paredes*, de Sartre, mas sob outro enfoque. Aqui não se trata de filosofia, mas de política. As três são estrangeiras, não apenas para o país em que chegaram, quanto para elas mesmas, pois têm enorme dificuldade de se compreenderem e de evidenciarem empatias entre si, por maiores proximidades que apresentem.



FLÁVIO CHARCHAR/DIVULGAÇÃO/JC

Descrito pelo irmão Márcio como "um compositor metódico", Lô deixou músicas para mais discos

A Estrada, disco póstumo de Lô Borges, celebra parceria com irmão

No dia 2 de novembro de 2025, a morte de Lô Borges, aos 73 anos, impediu a realização de uma festa planejada para 31 de janeiro. Na data em que seu irmão Márcio Borges completou 80 anos, os dois iriam comemorar uma parceria de mais de uma centena de canções, escritas desde a formação do Clube da Esquina, um movimento de jovens músicos mineiros talentosos liderados por Milton Nascimento, o Bituca.

No centro das comemorações estaria o álbum *A Estrada*, com dez faixas criadas pelos irmãos, exceto a canção que fecha o disco, *Chegada*, escrita apenas por Lô. "Sempre ele compôs a música primeiro e eu fiz a letra depois", recorda Márcio. "Na nossa parceria, escrevi sempre dentro de uma métrica que me aprisionava, mas que também me dava asas para voar."

A Estrada é o oitavo álbum de canções inéditas de Lô Borges nos últimos oito anos, uma sequência incomum de jorro criativo iniciada em 2019, com *Rio da Lua*. Esse ritmo de produção surpreendeu muitas pessoas, mas seu irmão não está entre elas.

"Eu conhecia o Lô como um compositor metódico. Um pouco compulsivo, mas era mais método mesmo. Toda manhã ele ia para o piano, ficava ali até meio-dia, uma da tarde. Descansava após o almoço, e então ia para o estúdio gravar o que tinha criado mais cedo. Era uma rotina". Material inédito deixado por Lô pode permitir o lançamento de ao menos mais dois trabalhos.

"Eu moro na roça, sou oito anos mais velho, então fico mais retirado. Mas acompanhei essa série de discos. A produtividade não me surpreendia. Ele era um Peter Pan, sempre jovem. Minha surpresa foi vê-lo, em plena saúde, ir embora por um acidente lamentável". Lô morreu devido a uma intoxicação por medicamentos.

A Estrada é um álbum conceitual, com todas as faixas falando sobre a vida na estrada, em eterno movimento. É um disco de rock, com Lô tocando o violão em batidas fortes. "Eu que propus esse conceito

ao Lô. Ele me mostrou umas músicas que estava fazendo e me lembrou muito Crosby, Stills, Nash and Young, aquela levada de rock mais acústico, com violão." A dupla começou a escrever as canções em 2023, após a pandemia, e gravou todas as músicas, mas Lô estava com dois discos prontos.

Numa época em que músicos e cantores lançam cada vez mais canções avulsas nas plataformas, a devoção de Lô Borges ao formato de álbum é ainda mais peculiar. "Lô sabia muito bem que a nossa história estava meio fora de moda. A gente aprendeu escutando Yes, Pink Floyd, Jethro Tull... O próprio *Clube da Esquina* é um álbum conceitual, que saiu principalmente da cabeça do Bituca e do Ronaldo Bastos. Nós sempre fomos os caras dos álbuns."

Outro sócio do clube, o guitarrista Tavinho Moura, toca em *A Estrada*, na faixa *Chegada*. Márcio ressalta que a amizade sempre foi uma prioridade entre os artistas do Clube. "Uma grande parte dessas músicas nós fizemos frente a frente. Com o Lô, o Milton ou qual fosse o parceiro, era um na frente do outro. Com o violão e, como dizia o Bituca, com caderno e lápis. A música *A Tarde*, por exemplo, minha e do Bituca, a gente criou num programa de auditório. Éramos iniciantes. Um tema foi sorteado e a gente teve que fazer a música na hora."

Os irmãos Borges conversavam muito sobre as músicas. Márcio tem uma lembrança curiosa da canção *Para Lennon e McCartney*, que é uma declaração de amor aos Beatles. Durante um festival estudantil de música em Belo Horizonte, em 1967, houve uma festa. Lô estava ao piano, ao lado de Márcio, e começou a tocar a música.

"A gente está aqui, um bando de estudantes fazendo música, e os caras estão lá em Liverpool e nunca vão saber da nossa existência", disparou Lô. E hoje Márcio acha graça. "Isso acabou acontecendo. Temos as fotos do Bituca e do Lô ao lado do Paul! Mas isso era impensável quando fizemos *Para Lennon e McCartney*."

fique ligado

Uma mulher que resiste

A atriz Malu Galli e o ator Tiago Martelli se apresentam no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089) de 10 a 12 de julho com o espetáculo *Mulher em Fuga*, com sessões na sexta-feira e no sábado, às 20h, e no domingo, às 18h. A peça é a primeira adaptação nacional de

duas obras do escritor francês Édouard Louis, *Lutas e Metamorfoses de uma Mulher* e *Monique se Liberta*, com dramaturgia de Pedro Kosovski e direção de Inez Viana.

A narrativa acompanha Monique, mãe do autor, em sua trajetória de resistência à violência

de gênero e à invisibilidade das mulheres da classe trabalhadora.

Os ingressos variam entre R\$ 35,00 e R\$ 120,00 e podem ser adquiridos pelo site do Theatro São Pedro ou na bilheteria do Multipalco Eva Sopher. A sessão de domingo conta com audiodescrição e tradução em Libras.

ANNELIZE TOZETTO/PRODUÇÃO MOSAICO/DIVULGAÇÃO/JC



Malu Galli interpreta Monique em *Mulher em Fuga*, que cumpre temporada no Teatro Simões Lopes Neto

Momentos emblemáticos do reggae nacional

Celebrando mais de três décadas de história, o grupo Cidade Negra apresenta a turnê De Agora em Diante neste sábado, no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685), às 21h. Com Toni Garrido e o baixista Bino Farias de sua formação original, a banda icônica do reggae nacional deve trazer aos gaúchos um repertório que passa pelos sucessos do grupo, releituras de artistas referências e canções inéditas.

Ainda, haverá uma homenagem ao disco *Sobre Todas as Forças*, que completou 30 anos em 2024 e é considerado um divisor de águas na trajetória da banda.

Os ingressos custam entre R\$ 135,00 e R\$ 630,00 e estão disponíveis de forma online, pela plataforma Sympla, ou presencialmente na bilheteria oficial Loja Planeta Surf Bourbon Wallig (Avenida Assis Brasil, 2611) de segunda a sábado, das 14h às 21h.

Festa julina movimentada a CCMQ

O tradicional evento de celebração junina Arraial do Quintana ocorre neste sábado, a partir das 14h, na Casa de Cultura Mario Quintana (Rua dos Andradas, 736). Com entrada gratuita, a programação se divide entre a Travessa dos Cataventos e o Espaço Marilene Bertoncheli, no térreo da Casa, e conta com música, dança, teatro e atividades lúdicas para todas as idades.

A banda Gira da Lua se apresenta às 16h com repertório que vai desde o xote clássico até in-

fluências de povos guaranis. Após o show, o grupo oferece uma oficina interativa de forró e uma quadrilha junina aberta a todos. Mais tarde, o Trio Cazumbá assume o palco às 18h30 com clássicos de Luiz Gonzaga, Alceu Valença e Dominginhos. Para o público infantil, haverá brincadeiras temáticas como pescaria, jogo de argolas e boca do palhaço, além de ativasões cênicas, intervenções com humor e o tradicional "casamento na roça" com o ator e dramaturgo Dammiel Brocker.

Crônicas de uma gaúcha na Malásia

A jornalista gaúcha Daniela Barrier lança neste sábado, das 17h às 20h, na Livraria Baleia (Andradas, 351), seu primeiro livro, *Um traje para o aniversário do sultão e outras histórias verídicas*. A obra reúne 17 crônicas sobre as vivências da autora na Malásia, país onde morou por quatro anos, mesclando relatos sensíveis, cômicos e sofisticados. O livro está à venda na própria livraria e no site da editora Polifonia.

Com carreira construída em veículos como CNN Internacional, NBC e Reuters, Daniela mora fora do Brasil há quase 40 anos e já viveu em nove países. Após o lançamento em Porto Alegre, a autora segue para Novo Hamburgo, no dia 15 de julho, e para a FLIP, em Paraty, de 22 a 26 de julho.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 10 DE JULHO

🕒 **15h** - Espetáculo gaúcho de teatro de bonecos de sucesso nacional, *Lampião e Maria Bonita*, do Grupo Mosaico Cultural, cumpre temporada no Teatro do CHC Santa Casa (Independência, 75). R\$ 30,00 no Sympla. Repete sábado, 15h.

🕒 **18h** - Espaço Vitrine CCMQ + RS Criativo da Casa de Cultura Mario Quintana (Andradas, 736) recebe projeto *Lãs do RS: Fio da Meada*, que traz a produção de artesãs e artesãos gaúchos e debate a lã como patrimônio cultural. Entrada franca.

🕒 **20h** - Concerto da Ospa *De Viena a Paris* reúne temas de Mozart, Saint-Saëns, Strauss II e Ravel. Regência de Diego Naser e presença da harpista convidada Soledad Yaya. Antes, às 19h, Notas de Concerto com Diego Grendene. Na Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501). De R\$ 15,00 a R\$ 70,00 no Sympla.

🕒 **20h** - Peça *Terapia de Casal, uma comédia em crise* trata, com humor, de conflitos em relacionamentos amorosos e cumpre curta temporada no Galpão Floresta Cultural (Conselheiro Travassos, 541). R\$ 60,00 no site Entreatos Divulga. Repete sábado (20h) e domingo (18h).

🕒 **20h** - Audição comentada *Miles Davis - Um Gênio Criativo do Jazz*, com Luizinho Santos. No Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). Gratuito, com retirada de ingressos pelo Sympla.

🕒 **21h** - Banda Sintonize traz a turnê *Original Brasileiro* ao Grezz (Alm. Barroso, 328), com faixas do disco e releituras da MPB entre o reggae, rap e afrobeat. R\$ 30,00 no Sympla.

🕒 **21h** - Cantor e compositor Lenine traz o show de lançamento de seu novo trabalho *Eita* ao Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). A partir de R\$ 100,00 no Sympla.

🕒 **21h** - Sérgio Rojas homenageia Mercedes Sosa em show no Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). De R\$ 30,00 a R\$ 80,00 no Tri.RS.

SÁBADO, 11 DE JULHO

🕒 **11h** - Série Música de Câmara da Ospa traz recital gratuito da Arsis: Orquestra de Flautas, com regência de Leonardo Winter. Na Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501). Entrada franca, por ordem de chegada.

🕒 **11h** - Psicanalista e filósofo Felipe Karasek lança livro *Um salto no vazio - sensibilizações psicanalíticas*. Sessão de autógrafos e mesa de conversa do autor com Eureka Gallo de Moraes, Eneida Cardoso Braga, Luciana Maccari Lara e Martina Dall'igna de Oliveira. No Instituto Ling (João Caetano, 440). Entrada gratuita.

🕒 **21h** - Projeto de música instrumental brasileira formado por Bethy Krieger e Luizinho Santos, InDuo faz show no Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). A partir de R\$ 36,00 no local.

🕒 **21h** - Rede FeedMe aposta no formato itinerante e estreia festa Boanoite, que pretende transformar diferentes cenários de Porto Alegre em pistas de dança. Som com Malu e *long set* de R.Dalla e convidados. No Multiverso do Cais Embarcadero (Mauá, 1.050). A partir de R\$ 45,00, no Sympla.

🕒 **22h** - Festa pensada por e para pessoas negras em Porto Alegre, Batukbaile acontece no Garden Porto Alegre (Brasil, 1.206). Line-up com Badluv, Gê Powers B2B Pajú, Mari Lima e Banda, MD Plince e Jamille. Ingressos via Shotgun.

🕒 **23h** - Festa Rock N' Bira traz show autoral de Jaydson e tributos a AC/DC, Red Hot Chili Peppers, The Strokes e Led Zeppelin. No Opinião (José do Patrocínio, 834). R\$ 109,00, com *open bar*, no Sympla.

DOMINGO, 12 DE JULHO

🕒 **17h** - Artista multifacetada voltada à valorização da memória afro-brasileira e do empoderamento feminino, cantora e compositora Jéssica Gaspar é atração no projeto *Sonoridades* no CHC Santa Casa (Independência, 75). Gratuito, mediante retirada de entradas no Sympla.

🕒 **18h** - Maestro Simón Zerpa-Carballo será regente do *Concerto para Dr. Fabiano*, homenagem ao médico que foi um dos grandes apoiadores da música clássica no Estado. No programa, Bach, Shostakovich, Mangani e Pergolesi. Na Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Independência, 230). Entrada franca. Antes, sessão no sábado, 18h30min, na Igreja Luterana Três Reis Magos, em Novo Hamburgo.

reportagem cultural



ACERVO MUSICANTO/REPRODUÇÃO/JC

Canto da mulher comprometida

No estádio do Dinamo, em Santa Rosa, Mercedes Sosa cantou para mais de 15 mil pessoas, sob chuva fina

João Vicente Ribas *

Mercedes Sosa vivia um momento especial em sua carreira. Estava de volta à Argentina, após ser censurada e exilada por três anos em Paris e Madrid. Quem remonta àquela época é sua neta Araceli Matus, hoje presidente da fundação que cuida de seu legado. Ela atendeu à reportagem por chamada de vídeo, enquanto estava no Rio de Janeiro.

Araceli recorda que já em 1982, os militares permitiram que sua avó regressasse e se apresentasse no Teatro Ópera de Buenos Aires. “Foi a primeira vez que a música popular teve uma situação assim, de fazer 13 apresentações em um mesmo teatro, e ainda sob ditadura”, observa.

O Brasil já a reconhecia e ou-

via. Em 1980, Mercedes Sosa se apresentou 40 vezes aqui. “Então, na realidade me parece que o show em Santa Rosa foi como a cereja do bolo, porque ela tinha toda essa bagagem”, conclui.

Araceli Matus também é cantora e esteve no ano passado em Porto Alegre, convidada para o show Casa Ramil, quando pôde sentir o amor da plateia, relacionado à memória de sua avó. Ela tem proximidade com a família Ramil, de Pelotas, assim como sua avó teve.

Kleiton Ramil recorda quando foi a Buenos Aires convidar Mercedes Sosa para participar do disco *Kleiton & Kledir En Español*. “A generosidade de sempre. Batemos um papo, então fiquei cantando na sua frente. Naquela tarde, Mercedes escolheu *Vira virou* e

Semeadura para gravar no disco dela. E também aceitou o convite para cantar no nosso”, conta.

Araceli revela que o trabalho diário de Mercedes, além de cantar, consistia em encontrar novas canções. “Minha avó tinha o dom de antecipar quando uma canção poderia ser relevante. Ela provava ao vivo, via como as pessoas reagiam. E a partir daí decidia se gravava e de que maneira”, recorda.

Mercedes Sosa gravou 35 álbuns e inúmeros singles. Mesmo após sua morte, segue influente a partir de novos lançamentos de seu acervo. Recentemente foi sampleada pelo rapper Milo J, revelação atual da música argentina. “Essa massividade nos ajuda para que muita gente jovem, a quem nós não tínhamos acesso, escute minha avó”, conclui.

Canto da mulher prometida

“Havia muita expectativa para aquele show”, revela Dilan Camargo, letrista da música vencedora daquele 2º Musicanto. Foi também um momento marcante para o nativismo gaúcho. No mesmo ano, em Cruz Alta, a canção *Morocha* havia vencido o festival da Coxilha. “Era uma letra misógina, tratava a mulher como uma coisa. E a letra que eu escrevi não tinha nenhuma intenção de resposta”, diz Dilan. No entanto, em *Canto da Mulher Prometida* a voz é feminina. “Querida contrapor a ideia de que as mulheres eram prometidas pelo pai, pela família, para alguém, e que elas não tinham escolha”, conta.

Embora contenha nos versos a palavra “cio”, que animaliza a mu-

lher e provocou bastante crítica, a canção segue sendo muito procurada por meninas, nos festivais de intérpretes. O autor sugere a substituição pela palavra “frio”.

Shana Müller já foi uma menina apresentando o *Canto da Mulher Prometida*, na Campareada Internacional do Alegrete. A cantora acredita que a música regional no Estado sempre foi carente de referências femininas. “Sempre fomos poucas mulheres. E a gente encontrar uma artista que tem esse alcance mundial, como é o caso da Mercedes, com essa linguagem regional, que guarda todas as origens dos povos originários, de um país que, mesmo colonizado, mantém viva uma linguagem que é do povo... Ela acabou sendo uma



ARACELI MATUS/DIVULGAÇÃO/JC

A neta Araceli Matus gerencia o legado da avó na Fundação Mercedes Sosa

referência para nós”, afirma.

Em 1984, Shana ainda era

Na virada dos tempos

Kleiton Ramil não estava em Santa Rosa em 1984, mas sua canção foi uma das protagonistas. *Vira virou* era um sucesso no Brasil, gravada pelo grupo MPB-4. A dupla Kleiton & Kledir também havia cantado-a em abril no Comício da Candelária, que reuniu mais de um milhão de pessoas na campanha das Diretas Já. “Eu não fiz a música com essa intenção, mas fiquei muito feliz que ela foi abraçada como um símbolo de mudança. A expressão ‘vira virou’ encaixou bem com a questão de mudar para tempos melhores”, avalia.

Mercedes Sosa foi um ídolo que Kleiton Ramil teve a oportunidade de conviver. De ouvinte a parceiro de palco, conheceu La Negra em 1981, no Festival Internacional de Varadero (Cuba), ao lado de Chico Buarque e Nara Leão, entre outros artistas.

Dos momentos em que esteve com Mercedes, Kleiton guardou a lembrança de uma pessoa muito sensível, além de um caráter muito forte. “Eu lembro que ela chorava muito, quando a gente conversava so-

bre política, porque lembrava dos amigos que tinham morrido. Era uma figura que todos respeitavam. Nas entrevistas, ela se posicionava sempre com muita coragem”, conclui.

Kleiton revela que compôs recentemente em parceria com Araceli Matus, neta da Mercedes, que irá participar do próximo disco da dupla Kleiton & Kledir. Vão ser 12 músicas, com produção do sobrinho Ian Ramil. A canção inédita se chama *La Voz de América*, uma homenagem a Mercedes Sosa.

De acordo com Araceli, sua avó não foi uma militante do feminismo em si, mas usava a sua voz para dar conta da realidade das mulheres. “Em um dos jornais mais importantes da Argentina, saiu uma matéria em que ela dizia ter feito seis abortos, nos anos 1990”, acrescenta.

Desde 2019, existe uma lei de cota mínima feminina nos palcos argentinos. Qualquer programação deve ter uma determinada porcentagem de mulheres. Informalmente, foi chamada de Lei Mercedes Sosa.



ACERVO KLEITON RAMIL/REPRODUÇÃO/JC

Kleiton & Kledir gravaram com Mercedes Sosa naquele ano

pequena, mas seus pais colecionavam os vinis da argentina e foram assisti-la no Musicanto. “Tenho esse relato deles, do quão incrível foi ver a Mercedes”, afirma.

Logo no início da carreira, Shana teve a oportunidade de conhecer La Negra em Córdoba, durante o festival de Cosquín. Ao lado de Luiz Carlos Borges, foi convidada para um jantar com a ídola. Recorda que chorou, cantou pra ela e conversou sobre música brasileira, em especial sobre a falta que Elis Regina fazia. Então Mercedes deu um conselho. “Todas as vezes que tu estiveres no palco, nunca deixe de lado a responsabilidade que é ter um microfone na mão, o poder de transformar as pessoas, de tocar o coração. E eu acho que o grande legado da Mercedes é esse”, lembra.

Atualmente, Shana participa

de um grupo de artistas gaúchas que buscam expressar seu eu lírico. Em 2019, começou o Peitão, festival que reúne somente mulheres para um exercício de composição e que estreia em julho uma turnê por quatro cidades. “Sempre fomos muito desse lugar de intérprete, poucas instrumentistas, raríssimas compositoras. Mas eu vejo agora o cenário realmente se transformando”, aposta.

Nesta cena, está Tatiéli Bueno, que apresenta um espetáculo tributo a Mercedes Sosa há 12 anos. Natural de Dois Lajeados, nem era nascida em 1984, mas escuta muito as pessoas falando desse festival. “Em todo show que faço, eu escuto: ‘ah, mas eu assisti ela no Musicanto, ah, ela veio para o Musicanto’”, diz. No dia 15 de julho, Tatiéli leva esse tributo ao Teatro Oficina Olga Reverbel, em Porto Alegre.

Ovação de uma estrela

Aquele 12 de outubro em Santa Rosa foi cristalizado em uma gravação, feita direto da mesa de mixagem do Bobby Som. Mercedes Sosa estava acompanhada no palco pelos músicos Nicolás Brizuela (violão), Oscar Alem (baixo) e Osvaldo Avena (percussão). O material está sob guarda do historiador Tau Golin, que produzia o programa *Continente Latino-Americano*, na rádio Imembuí, de Santa Maria.

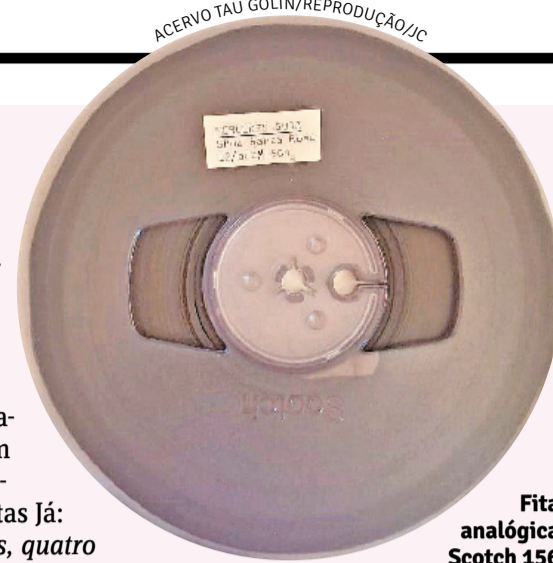
Escutando a fita, percebe-se que logo nos primeiros compassos o público grita e assobia. Mercedes Sosa agradece e começa a cantar o repertório de seu novo LP, mesclado com canções de protesto, que o público pedia, como *Solo le pido adiós*, do argentino León Gieco, e *Maria, Maria*, do brasileiro

Milton Nascimento.

Já no final do espetáculo, apelou pela segunda vez ao público: “Se vocês gritam eu não me escuto. Estamos em uma cancha de futebol, mas não somos jogadores. *Despacito*, por favor”. Então apresentou versões em espanhol das já conhecidas *Vira virou* (Kleiton Ramil) e *Semeadura* (José Fogaça/ Vitor Ramil), para vibra-

ção da plateia.

Após o último acorde, o público de Santa Rosa entoou uma palavra de ordem comum naquele ano de Diretas Já: “Um, dois, três, quatro cinco mil, queremos eleger o presidente do Brasil”.



Fita analógica Scotch 156 preserva cada momento do espetáculo

A redenção de uma canção

Vinicius Brum assistiu ao show de 1984 ao lado de Sérgio Jacaré e Marô Silva, letristas de *Alquimia*, canção que ficou entre as finalistas. O músico descreve o Estádio Municipal Carlos Denardin: “tinha um campo de futebol e uma pequena arquibancada, o resto era barranco na volta. Um espaço enorme e estava cheio. A maioria ficou de pé em frente ao palco, montado no lugar de uma das goleiras”.

O que mais marcou Vinicius naquela noite foi a performance de *Siembra*. “A coisa mais bonita dessa história é de como o tempo consegue recuperar coisas que a gente acha que são irreparáveis. A canção que ganhou a Califórnia em 1980 na linha de projeção folclórica, *Semeadura*, foi recebida com muita contra-

riedade, chegou a ser vaiada”, pontua. Quatro anos depois, estava no *setlist* de Mercedes Sosa e foi ovacionada. “É uma canção daquele final de ditadura, nessa onda do prosseguir, companheiro e tal. Foi a redenção de uma canção que tinha ficado estigmatizada no meio nativista”, afirma.

Vinicius guarda também histórias dos bastidores, contadas pelo amigo e contemporâneo de Santa Maria, Luiz Carlos Borges, idealizador do festival. Entre elas, a de que foi buscar Mercedes Sosa em Porto Alegre, vinda de Buenos Aires, com a companhia do acordeonista Raulito Barboza, responsável por intermediar o convite para que se apresentasse em Santa Rosa.

Borges foi um dos principais acordeonistas e compositores na-

tivistas. Faleceu em 2023 e teve em seu currículo parcerias com Mercedes Sosa, que nasceram a partir daquele primeiro encontro. Eles ficaram tão próximos que fizeram uma turnê pela Europa, antes da morte da cantora em 2009.

Já sobre o surgimento do Musicanto, Vinicius narra que em 1983 convidaram Borges para secretário de Cultura de Santa Rosa, depois de sua experiência em São Borja, coordenando o festival de 300 anos da cidade. “Aí o Borges recuperou uma ideia que andava na cabeça de todo mundo, lá em Santa Maria, no início dos anos 1980. De fazer um festival da América Latina. Até porque deram carta branca para ele criar uma coisa diferente”, recorda.



Mercedes Sosa concede entrevista coletiva em Santa Rosa, logo antes do show

Vinicius comenta que há um paradoxo em um show de Mercedes Sosa, em Santa Rosa, em 1984. “Hoje seria absolutamente inconcebível. O segmento

mais conservador da sociedade ir buscar uma artista que, além da questão estética, tem uma relação com militantes de esquerda”, reflete.



Mercedes Sosa cantou repertório do então disco novo e canções consagradas

Uma estrela mundial em Santa Rosa

O jornalista Juarez Fonseca lembra que, nos anos 1970, a Califórnia da Canção de Uruguiana não aceitava o ritmo do chamamé, porque não era considerado cultura do Rio Grande do Sul. No entanto, o Musicanto começa se abrindo para o Brasil e o continente. “O Borges sempre foi um cara aberto, que gravou com o Dominginhos, com o Antonio Tarragó Ros. Era um grande músico, sem preconceitos”, diz.

Juarez começou a cobrir os festivais nativistas em 1974, para o jornal Zero Hora. Ao longo da

carreira, entrevistou Mercedes Sosa diversas vezes. “A Mercedes é uma deusa da canção latino-americana. E o show foi maravilhoso, como todos os shows dela foram maravilhosos. Foi um acontecimento pelo fato de uma grande estrela mundial estar cantando em Santa Rosa”, avalia.

O cantor e compositor Sérgio Rojas estava lá na plateia naquele Musicanto e viria a ganhar a edição seguinte. “Todos nós nos emocionamos, nos abraçamos. O Manolo chorava, um cara enor-

me, que apresentou *Vire o mate* no festival. Ele olhou a Mercedes e ficou louco. Esse momento em que tu convives, que tu estás vivo ali... Fui testemunha de um momento extraordinário.”

Rojas viria a se aproximar de Mercedes Sosa quando ela se apresentou em Uruguiana, em 1987, e a acompanhá-la em turnê pelo Brasil. Para celebrar o aniversário de La Negra, neste 9 de julho, Sérgio Rojas apresenta um show no dia 10 em homenagem a Mercedes Sosa no Espaço 373, em Porto Alegre.

Um baque de irmandade

Para Tau Golin, a vinda de Mercedes Sosa “foi um baque”, pelo significado transcendental da arte nos momentos históricos e por demonstrar irmandade. Em um momento do show, conta que

levantou um cartaz pela liberdade dos presos políticos do Chile. “Eu passei com o cartaz e larguei em cima da caixa de retorno. Mas escorregou e caiu no chão. Ela veio cantando, pegou e colocou

na posição certa”, rememora.

O historiador acredita que o festival motivou e estabeleceu pontes. “Houve vozes contrárias, principalmente pelos posicionamentos políticos dela. Mas um

respeito muito grande”, avalia. Contudo, lamenta que depois, não só o Musicanto, mas os festivais em geral, aproximaram-se de um “gauchismo civista, de fundamentalismo tradicionalista”.

João Vicente Ribas é jornalista da Emater/RS-Ascar, editor da newsletter *Canciones para despertar en Latinoamérica* e professor da especialização em Cultura e Música Latino-Americana da Universidade de Passo Fundo.



nas telas

palavras cruzadas diretas



Primavera estreia nos cinemas trazendo relação de violinista com Antonio Vivaldi

Da ópera para os cinemas

Baseado no romance de Tiziano Scarpa, *Primavera* é o primeiro longa-metragem do renomado diretor de ópera italiano Damiano Michieletto, e aborda um encontro que mudou a história da música. O filme acompanha Cecilia (Tecla Insolia), jovem violinista que cresceu no Ospedale della Pietà, o maior orfanato da cidade e lar de uma das orquestras mais

respeitadas da Europa. A chegada do novo professor de violino, Antonio Vivaldi (Michele Riondino) - homem solitário, desgastado por sua doença e em busca de reconhecimento - desperta o talento extraordinário de Cecília e revela, em ambos, o desejo de alcançar, através da música, uma liberdade que vai além dos muros que os cercam.

Segredos de família vêm à tona

Dirigido por Clarissa Appelt e Daniel Dias, *Herança de Narcisa* traz Paolla Oliveira no papel de Ana, que retorna à casa em que cresceu após o enterro da sua mãe, a ex-vedete Narcisa. Seu objetivo é organizar a propriedade para colocar à venda, mas, à medida em que os dias passam, pequenos incidentes

mostram que ela não está sozinha. A partir de objetos e memórias que Ana encontra pela casa, vêm à tona muitos segredos da família. O longa foi eleito melhor filme pelo júri popular no Festival do Rio e integrou a programação do Fantasma, que ocorreu em Porto Alegre durante o mês de abril.

A música sensível e atemporal de Toquinho

Resistindo ao tempo e passando de geração em geração, as canções ocupam um lugar importante no coração das crianças e adultos no Brasil e no mundo. Dirigido por Erica Bernardini, *Toquinho: encontros e um violão* traz depoimentos de amigos e parceiros para celebrar os 56 anos de carreira de Antonio Pecci, conhecido artisticamente como Toquinho. Com ra-

ras imagens de arquivos de shows, entrevistas, vídeos na Itália e depoimentos de amigos, o documentário revivi momentos marcantes da carreira de Toquinho. As canções de Toquinho transitam por diferentes décadas e sua trajetória musical é um registro da história da música popular brasileira com reconhecimento nacional e internacional.

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Opção do programa antivírus	Termo que designa grupos ou indivíduos fragilizados, jurídica ou politicamente		Penalidade que pode resultar no gol olímpico (fut.)		Dá "vida" às ideias dramáticas		Acertadas; conciliadas
	Incomum (fem.)				Principal liga profissional de basquete		
				Artigo definido masculino		Bromo (símbolo) Em seguida	
Ingrediente básico do suspiro (pl.)	A dificuldade do dorminhoco						
Bílis		Medida judicial provisória		Inventor grego que desenvolveu as leis do empuxo e da alavanca (Antig.)		Vitamina da cera das abelhas	
					(?)-drive, alternativa para o "backup"		
Lugar de onde falam os oradores		(?) elétrico, atração do Carnaval baiano					Polígono de cinco lados (Geom.)
Ante meridiem (abrev.)		Fornece o necessário para a tarefa					
Simulou					Tecido de pijamas O mês indígena		
(?) Rioja, região histórica da Espanha		Área de Proteção Ambiental (sigla)				Sua Majestade (abrev.)	
				Óleo, em inglês			Outubro (?), campanha internacional
Fogueira mortuária	Maré cheia			Dever, em inglês			
Parâmetro para a classificação dos insetos	Pedido de socorro						
Hormônio responsável pela libido masculina		O "candidatos" à canonização (Catol.)		Lina (?) Bardi, arquiteta modernista		Preposição que indica limite no tempo	Índice de remuneração da poupança

BANCO 3/011 — pen. 4/must. 10/arquimedés — quarentena. 30

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Assine agora! Acesso ao nosso site!

COQUETEL

@coquetel /editoracoquetel

Solução

V	N	O	R	T	S	O	S	E	T
S	O	T	E	B	E	O			
O	G	D	V	S	V				
R	A	R	E	P	R	O			
S	T	M	I	A	P				
S	N	I	L	O	L	A			
V	D	E	S	E	L	I			
V	A	I	P	E					
J	O	R	I	A	M				
N	E	N	V	A	N	W			
V	A	E							
R	V	R	O	R	D	A			
R	B	O	S	A	R	C			
V	A	N	E	N	T	E			

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

♈ Áries: O sol ativado pela lua indica sentimentos e pensamentos mais tranquilos, e a busca pelo que é agradável e confortável. Procure conversar direito com as pessoas próximas.

♉ Touro: A lida com dinheiro e posses tende a lhe interessar. Procure se entender com familiares nos temas materiais. Não obstante, é tempo de colocar ordem em seu dinheiro.

♊ Gêmeos: Procure não acirrar as divergências consigo mesmo ou com seus parceiros. Suas ideias e emoções lhe exaltam demais. Momento muito bom para cuidar da saúde do corpo.

♋ Câncer: Momento de fortalecimento de suas motivações. É tempo de fazer os outros entenderem o que você pretende, mas sem se impor. Procure as pessoas com as quais se entende.

♌ Leão: Disposição para resolver problemas, especialmente com amigos e pessoas queridas. Cuidado com reações precipitadas. Se tiver que decidir algo, fique calmo, antes de tudo.

♍ Virgem: Você pode se encontrar em situação difícil diante de autoridades e das obrigações no trabalho. Tende a se complicar ainda mais se for impor seu modo de ser e de atuar.

♎ Libra: Trabalhe junto com aqueles que apoiam seu trabalho. São justamente estas pessoas que podem ajudar nos planos que está pensando para o futuro.

♏ Escorpião: A atividade profissional precisa se ajustar aos recursos disponíveis. Você se desgasta um bocado para trabalhar, devido à dispersão e a querer muitas coisas ao mesmo tempo.

♐ Sagitário: Momento de movimentar os projetos junto com os parceiros. Cada um tenta impor sua vontade, mas a conciliação pode vir por vocês trabalharem os pontos de convergência.

♑ Capricórnio: A lua minguante indica bom estímulo para as suas parcerias. Comece a olhar para o que mais lhe motiva nos relacionamentos. Mudanças nessa área estão favorecidas.

♒ Aquário: Hora de cuidar da casa e das atividades de rotina. Veja o que poderá ser melhorado em seus hábitos de saúde e de trabalho. Não procure apenas o conforto, mas a eficiência.

♓ Peixes: Momento de nova disposição afetiva e amorosa. Os afetos começam a ser estimulados a uma renovação benfazeja. Veja o que faz você se divertir nesta vida.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Ficção especulativa com esmero linguístico

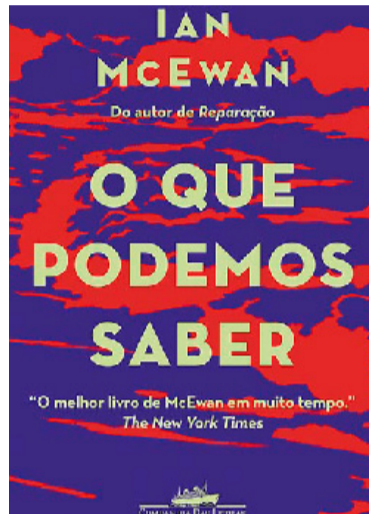
Ian McEwan, nascido em Aldershot, Inglaterra, em 1948, é um dos escritores de ficção literária mais proeminentes do mundo. Recebeu muitos prêmios, entre eles o Man Booker Prize, o Jerusalem e o Whitbread Award. *Amsterdam* (1998); *Reparação* (2001); *Sábado* (2005); *Na Praia* (2007) e *Enclausurado* (2016) são livros considerados essenciais para conhecer a longa obra de Ian. A Companhia das Letras já publicou, entre outros, *Reparação*, *Enclausurado*, *Na praia* e *Máquinas como eu*.

O que podemos saber (Companhia das Letras, 384 pág, R\$ 89,90, tradução de Jorio Daus-ter), obra mais recente de Ian, foi considerada pelo The New York Times como o melhor livro do autor em muito tempo. A narrativa se passa em 2119, no que restou do mundo após uma catástrofe climática, quando o nível do mar subia dois milímetros por ano devido ao aquecimento global. A

água dos lagos se esgotou, reciclada como chuva e neve de volta aos oceanos. Depois, um foguete russo de má qualidade, destinado ao sul dos Estados Unidos, explodiu no meio do Atlântico, provocando tsunamis que devastaram a Europa, a África Ocidental e o litoral da América do Norte.

O professor de literatura Thomas Metcalfe é obcecado pela obra do poeta Francis Blundy, que num jantar em 2014 recitou um longo poema para a esposa, homenageada. Graças ao arquivamento digital, mensagens, e-mails, históricos de navegador e SMS dos participantes do jantar podem ser acessados. Mas como diz o título do livro, há um limite para o que podemos saber. Quais as barreiras da memória, da reelaboração histórica?

Os alunos de Metcalfe não compartilham do entusiasmo dele pela literatura do começo do século XXI e são críticos com a humanidade que não enfrentou o



monstro climático. Metcalfe quer reconstruir a vida antes da tragédia global, até descobrir segredos inconfessáveis.

Mesclando ficção especulativa com esmero linguístico, Ian convida os leitores a enfrentar as perguntas incômodas, como a que questiona como a história da literatura é escrita.

e palavras...

AS COPAS

Triste, estamos fora da Copa, de novo. Pior campanha desde 1990, com o melhor técnico, assessorias de primeira, elenco Butantã cheio de cobras e infra sete estrelas. Ao menos não tomamos 7 a 1 da Alemanha, já é alguma coisa em termos dessa geração que está pendurando as chuteiras sem muitas glórias. Estamos melhorando. O Nelson Rodrigues disse que a seleção era a pátria de chuteiras e que tínhamos complexo de vira-lata. Hoje, escrevo na segunda-feira de ressacão, estou pensando que as chuteiras estavam sem pátria e estou me sentindo um vira-lata, mas vamos pensar e trabalhar para daqui quatro anos, se Deus quiser, recuperarmos a autoestima e bons resultados em campo.

Nesse momento de sofrimento cívico, cabe lembrar Vanderlei Luxemburgo, quando treinava o Grêmio e perdia: “Nós jogamos bem, mas eles jogaram melhor. Nós fizemos um gol e eles dois, faz parte do futebol. Nós poderíamos ter vencido e o importante não é só o resultado de hoje, mas o projeto para o futuro. Dou a cara para bater para vocês da imprensa, que estão no seu papel.”

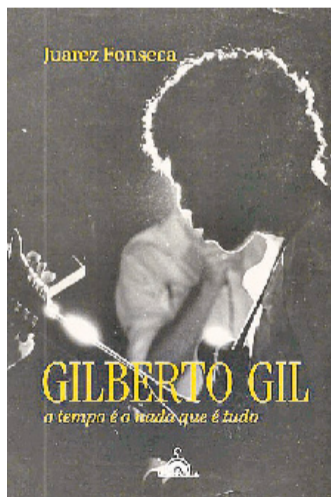
Não entendo muito de futebol, mas ficar mudando metade do time todo tempo e levar jogador lesionado e adiantar prorrogação de contrato antes da copa terminar me parece, tipo assim, heterodoxo. Senti falta de convicções, esquema de jogo mais definido e alguns outros fundamentos fundamentais. Parece que a torcida já previa a volta precoce da rapaziada para o Brasil e economizou em bandeiras, apitos e camisetas. Depois do

brasileiro João Havelange comandar a Fifa, que estava quebrada, a entidade passou a ter mais países que a ONU, firmou contratos de patrocínio longuíssimos, inclusive com empresas de bebidas alcoólicas, e o futebol passou a privilegiar mais força, velocidade e marketing, em detrimento do lado mais artístico e saudável do velho esporte bretão. Atletismo, correria, músculos e *business*, por aí.

Os grandes capitais financeiros e os times e jogadores proeminentes se concentraram mais na Europa, e o resto do mundo passou a fornecer talentosos e jovens jogadores para lá. Eles, com o tempo, perdem o contato e o vínculo com os países de origem e se tornam “estrangeiros”. A Copa do Mundo mostra essas transformações, mas também tem lados muito positivos, como a divulgação de conhecimentos históricos, geográficos e dados e curiosidades sobre muitas pessoas e países, além de lindas histórias de vida e superação, como, por exemplo, a do goleiro Vozinha, que acabou dando de cara com o Lobo Messi. Ao menos por algumas semanas, as cinquenta e poucas guerras do mundo ganham menos espaço nas mídias que as guerras nos campos de futebol.

Sou copeiro veterano. Em 1958, com quatro anos, vi a Canarinho nascer. Em 1962 cantei “A taça do mundo é nossa / com brasileiro, não há quem possa”. De 1966 não quero falar. 1970, a melhor seleção campeã de todas. De 1974 a 1990, Argentina, Itália e Alemanha dominaram. Em 1994 e 2002 dominamos, e aí começou nosso jejum que vai para 28 anos sem caneco.

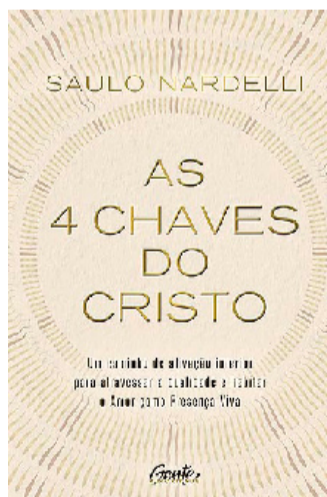
Lançamentos



► **Gilberto Gil – o tempo é o nada que é tudo** (Memorabilia, 208 pág), do consagrado jornalista, escritor e produtor cultural Juarez Fonseca, não traz apenas entrevistas e críticas relacionadas ao genial músico e compositor. O livro cobre o período 1972-2026 mostrando que Gilberto Gil faz o tempo dançar conforme a música. A obra mostra a relação de Gil com Juarez, a escuta mútua e a confiança construída ao longo de décadas.



► **Eco da Liberdade** (Artêra Editorial, 120 pág), do advogado e empresário Victor Maron, mergulha nas camadas mais profundas do espírito humano e nas contradições éticas, políticas e emocionais de nosso tempo. Ensaaios, reflexões filosóficas e lampejos poéticos do livro tratam especialmente da liberdade em vários contextos e espaços. Victor faz um chamamento ao homem consciente, que reconhece sua responsabilidade.



► **As 4 chaves do Cristo** (Gente – Autoridade, 176 pág), obra assinada por Saulo Nardelli, mentor espiritual, empresário e estrategista de negócios, propõe ir além de dogmas e promessas fáceis, em um movimento de retorno ao centro do Ser. Cristo, para ele, não é uma figura distante mas, sim, um estado de Consciência Viva, uma presença que se reconhece e atravessa a experiência humana de tal forma a se revelar no próprio Ser.

A propósito

Então é isso. Vida que segue. Bola pra frente. Não adianta chorar o leite e o balcão norueguês derramados. É aprender com as lições dos jogos e da Copa e tocar para diante, que daqui a quatro anos pode ser que a gente consiga recuperar o tempo e as vitórias. Não podemos ficar só com o passado pela frente. Planejar, incentivar categorias

de base, profissionalizar mais o futebol e olhar para as experiências vitoriosas dos outros países é essencial. Distribuir melhor os vultosos recursos do futebol, inclusive em construção de escolas e hospitais, e aplicar parte do dinheiro em projetos de incentivo ao futebol em áreas carentes é uma boa ideia. Vamo que vamo! (Jaime Cimenti)

sangue novo

Entre o Bar do Pança e a cena independente

Joana Luna Camargo

Numa cena em que as bandas tendem a se agrupar por gênero, a Fumaça Urbana ocupa um lugar mais difuso. O som mistura rock, MPB, ska, surf music e samba, com letras que falam de juventude, relações afetivas e cotidiano urbano - um trabalho que conversa com mais de um público ao mesmo tempo, sem pertencer inteiramente a nenhum deles. “A gente ocupa esse lugar de tentar dialogar com mais de um gênero ao mesmo tempo”, diz Juliano Ramos, guitarrista e um dos fundadores. “(A gente quer que nosso som) seja diferente, que (o ouvinte) não pense: bah, é mais uma banda parecida com outras que já ouvi.”

A Fumaça Urbana nasceu de

uma amizade de escola dos irmãos gêmeos Gustavo e Juliano Ramos e do baterista Leonardo Casagrande, que começaram a tocar juntos ainda na adolescência. A banda foi tomando forma a partir de 2018, passando por diferentes formações ao longo dos anos, especialmente durante a pandemia, quando muitos integrantes se afastaram. Desde 2022, a formação se estabilizou: além dos irmãos Ramos e de Casagrande, Antônio Nader assume o baixo, Pedro Callegaro, a guitarra base e Antonio Olivé, a percussão.

Os gêmeos contam que se aproximaram da música por causa dos Beatles. “Quando a gente era criança, entramos num hiperfoco, a gente começou a ver os documentários e começou a se interessar por isso. Daí na adolescência



Com som que dialoga com diferentes públicos, banda Fumaça Urbana tem disco de estreia previsto para este ano

teve o Arctic Monkeys. Depois, nosso foco começou a virar para a MPB.” Já o processo de composição é coletivo por natureza, sem fronteiras rígidas. “Tem músicas que ele (Juliano) chega com a ideia e eu completo, ou o contrário. Às vezes surge junto, alguém toca alguma coisa e depois escrevemos em cima”, explica Gustavo. Essa fluidez também se reflete nas apresentações: com seis integrantes e agendas nem sempre coincidentes, a banda costuma variar a formação de acordo com quem está disponível, chegando inclusive a versões mais acústicas.

O primeiro álbum nasce de

uma narrativa construída quase sem planejamento. Juliano escreveu uma música que contava a história de um primeiro encontro num bar imaginário, o Bar do Pança - possível nome do futuro disco. Gustavo gostou da história e escreveu uma segunda parte, sobre o fim do relacionamento. Foi Leonardo quem percebeu que faltava o meio, e assim surgiu o single *Cigarro*, lançado em março deste ano, que fecha o arco. Antes dele, *Don Juan* (2025) e *Gol* (2026), lançado em função da Copa, também anteciparam o trabalho. O disco, produzido pelo Selo Naif, deve sair neste segundo semestre, sucedendo o EP

de estreia *Little Brazilian Way*, de 2024, produzido por Edo Portugal.

No ambiente independente da capital gaúcha, a Fumaça Urbana encontrou no Selo Naif uma comunidade que busca conexões além dos nichos. E se ocupar esse lugar significa nem sempre ser a primeira a ser chamada para eventos, a banda vê nisso um aprendizado: a necessidade de correr por conta própria os ensinou a produzir seus próprios shows, a escolher os espaços e a decidir como tudo vai acontecer. Parecido, no fundo, com as composições da banda, que partem de um lugar aberto e deixam a música indicar o caminho.

qual é a boa?

Todo final de semana, a equipe de redação do JC traz para os leitores sugestões para curtir a movimentada cena cultural de Porto Alegre. Tem opções para todos os gostos - tanto para quem não se importa com o frio quanto para os que preferem curtir o fim de semana debaixo das cobertas



Se você quer entender o impacto de um verdadeiro ícone da música, a boa desta sexta-feira é a audição comentada *Miles Davis - um gênio criativo do jazz*, que rola a partir das 20h no charmoso Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). A casa abre às 19h e o bate-papo tem entrada gratuita. Conduzido pelo mestre Luizinho Santos - músico e pesquisador, especialista em jazz e grande conhecedor da obra de Davis - o encontro vai mergulhar na genialidade do trompetista que simplesmente moldou o jazz e a música do século XX. Do cool jazz ao fusion, Miles Davis era pura vanguarda. Ao meu ver, é uma chance única de ouvir, debater e se emocionar com o legado de um gênio.

Adriana Lampert, repórter de Cultura-JC



No dia 9 de julho, a inesquecível Mercedes Sosa estaria fazendo 91 anos. Além da excelente matéria sobre a aparição de La Negra no Musicanto de 1984, em Santa Rosa - assinada por João Vicente Ribas e que você pode ler nesta edição do Viver - há algumas boas oportunidades de celebrar o legado da cantora. Uma delas é nesta sexta-feira, no Espaço 373, quando Sérgio Rojas - cantor e instrumentista que conviveu com Mercedes e a vê como mestra e inspiração - irá passear pelas diferentes fases da carreira da artista argentina, em formato voz e violão. Vale a pena deixar o frio para lá e relembrar Mercedes, cuja voz provocou tantas revoluções em todos e todas nós.

Igor Natusch, editor de Cultura do JC



Para quem projeta um bom fim de semana no sofá, minha dica é *The Offer* (A Oferta), disponível em canais de streaming. Em dez episódios, a série revela os bastidores da produção de *O Poderoso Chefão* (1972), clássico de Francis Ford Coppola. A trama acompanha o produtor Al Ruddy na missão de tirar o filme do papel em meio a disputas no estúdio, pressões políticas e até negociações com a máfia italiana de Nova York. Entre as curiosidades, a resistência à escolha de Marlon Brando e Al Pacino para o elenco e a exigência do mafioso Joe Colombo de que a palavra “máfia” jamais fosse dita no filme. Para quem, como eu, é fã do filme, assistir essa série é uma proposta irrecusável.

Cristine Pires, editora-assistente de Economia



Minha dica para este sábado é a festa Reflektor, que retorna ao Panamá Estúdio Pub (José do Patrocínio, 963) em clima de comemoração ao Dia Mundial do Rock. Na pista, os DJs Athos Cabral, Jade Primavera e Maurício Rocha trazem um repertório generoso, passeando pelo rock clássico, gaúcho, argentino, brasileiro, indie, hard, dance, britpop e muito mais. A edição leva o nome *Os do rock eu sei quem são*, ideal para quem realmente curte o gênero e todas as suas variações. E para os fanáticos, como eu, que não podem perder uma partida da Copa do Mundo, a festa também vai passar Argentina x Suíça na TV, programa completo para fechar a noite.

Joana Luna Camargo, repórter-aprendiz do JC